

Hegel e a dialética

Quer ver esse material pelo Dex? clique [aqui](#)

Resumo

Nascido em 1770 e morto em 1831, o alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel é sem dúvida alguma o mais importante filósofo da primeira metade do século XIX. Dedicado às mais diversas áreas do conhecimento filosófico, Hegel tornou-se particularmente famoso por ser o fundador de uma nova área da filosofia: a filosofia da história

Como seu próprio nome indica, a filosofia da história é a reflexão filosófica a respeito do sentido da história humana. Pois bem, apesar de outros autores antes de Hegel, como Santo Agostinho, já terem sinalizado algo neste sentido, o pensador alemão foi o primeiro a estabelecer com clareza tal disciplina. Cabe aqui, porém, uma observação importante: a filosofia da história não se confunde com a ciência histórica que estudamos no colégio. Enquanto o historiador busca entender os fatos do passado e descrevê-los detalhadamente, cada um no seu respectivo período, o filósofo da história olha a história como um todo e busca avaliar se há, em meio a todas as transformações e mudanças dos tempos, um sentido geral e permanente. Em síntese, a pergunta central da filosofia da história não é “o que aconteceu?”, mas sim “a história humana é uma sucessão de eventos fortuitos e casuais ou há, em tudo isto, um propósito, uma lógica, um destino?”

Ora, de acordo com Hegel, mediante uma rigorosa análise filosófica, é possível ver que a historicidade humana tem sim um sentido. Isto acontece porque ela não se dá pelo acaso ou pelo simples conjunto das ações humanas, mas é antes movida por uma força, por um princípio que a sustenta e orienta, o qual Hegel chamava de Espírito ou Absoluto.

Conduzindo a história humana, o Espírito a leva gradualmente para ao seu *télos*, sua finalidade, seu propósito: a maximização da liberdade, ou seja, tornar os homens sempre mais livres. Aliás, diz Hegel, se parece difícil perceber esse propósito de imediato, é porque a história não se encaminha para ele de modo simples e direto. Ao contrário, criticando nisto duramente os pensadores iluministas, que viam o progresso histórico como algo linear e cumulativo, Hegel salienta que história progride sim, mas por meio de contradições, de idas e vindas, de conflitos e concessões. Em suma, não é por uma linha reta e contínua, mas por meio de sinuosas contradições que o Espírito move a história.

O modo contraditório pelo qual o Espírito conduz a história humana é chamado por Hegel de dialética. Tal dialética aqui, porém, não se trata de um mero debate de ideias, como em Platão, mas sim de um movimento da própria realidade, através do qual, por meio de momentos sucessivos e aparentemente opostos, a história se desenrola e progride.

Dito de maneira mais ou menos sistemática, poderíamos afirmar que a dialética do real compõe-se para Hegel sempre de três momentos: a tese (ou afirmação), quando uma determinada ideia ou perspectiva se põe na história; a antítese (ou negação), momento em que a tese original é substituída por uma que lhe é inteiramente contrária; e a síntese (ou superação), em que surge uma terceira perspectiva, a qual soluciona o problema em questão de um ponto de vista mais alto, integrando aspectos tanto da tese quanto da antítese.

Para ficar mais claro, usemos um exemplo do próprio Hegel. Segundo o autor alemão, o processo dialético é facilmente perceptível na história das religiões. De fato, o primeiro modelo religioso a se manifestar na história, ainda nas sociedades primitivas, foi o politeísmo - ele é, portanto, a tese ou afirmação. Posteriormente, ao longo do desenvolvimento histórico da humanidade, tal modelo foi questionado por um outro que é o seu exato oposto: o monoteísmo - que é, portanto, antítese ou negação. Por fim, com o surgimento do cristianismo, surgiu a síntese ou superação, que é o dogma da Santíssima Trindade. Com efeito, ao crer em um único Deus, dotado de uma única essência, mas composto de três pessoas (Pai, Filho e Espírito Santo), o cristianismo supera a contradição entre monoteísmo e politeísmo, pois integra elementos de ambos numa síntese maior. Esta síntese revela, pois, que aquela contradição entre politeístas e monoteístas não era uma oposição real, mas apenas uma preparação para um maior aperfeiçoamento da humanidade.

Outros exemplos dados por Hegel dizem respeito à história da filosofia. Por exemplo, entre os pré-socráticos, o primeiro filósofo, Tales de Mileto, propôs que a *arché*, o princípio de tudo, era a água, algo material (tese); por sua vez, o segundo filósofo, Anaximandro, negou isto e afirmou que a *arché* era algo imaterial: o *ápeiron*, o infinito, o ilimitado (antítese). Por fim, Anaxímenes, o terceiro filósofo, operou a síntese ao escolher como *arché* o ar, que é um elemento material, mas, dos materiais, o menos material de todos, uma vez que é volátil e não pode ser visto, nem tocado, nem apreciado pelo paladar - e ouvido apenas quando está em movimento. No mesmo sentido, diz Hegel, pode-se dizer que o racionalismo de Descartes é tese, o empirismo de Hume é antítese e o criticismo de Kant síntese.

Perceba-se em todos esses exemplos que há um progresso, uma melhora, um aperfeiçoamento histórico, mas que este não se dá de modo linear e contínuo, mas sim dialeticamente, isto é, por meio de contradições. É necessário, aliás, salientar, que tal processo é infinito, uma vez que, tão logo se estabelece, a síntese transforma-se em uma tese, que será negada por uma nova antítese e assim por diante. Não à toa, o dogma da Trindade encontrou seus críticos, bem como o as teses de Anaxímenes e de Kant. A história, assim, progride de maneira espiralada, num ciclo sem fim, que se encaminha sempre para o aperfeiçoamento do homem e a maximização de sua liberdade.

Convencido não apenas de que a história é importante, mas que ela é o próprio eixo da experiência humana, Hegel criticava duramente certos autores, como Kant, Descartes e os contratualistas, que sempre falavam do homem de maneira abstrata e geral, como se a condição humana fosse universal e imutável. Indo precisamente na direção contrária, o pensador alemão dizia que “todo homem é filho de seu tempo”, isto é, que todo homem é profundamente moldado pela sociedade e pelo período histórico em que vive, de modo que, para se compreender verdadeiramente um ser humano, é preciso olhar para ele não de maneira genérica e abstrata, mas de modo concreto, atento às condições históricas específicas nas quais aquele homem vive.

O próprio pensamento filosófico, dizia Hegel, é profundamente condicionado pelo seu período histórico de elaboração;

Exercícios

1. A genuína e própria filosofia começa no Ocidente. Só no Ocidente se ergue a liberdade da autoconsciência. No esplendor do Oriente desaparece o indivíduo; só no Ocidente a luz se torna a lâmpada do pensamento que se ilumina a si própria, criando por si o seu mundo. Que um povo se reconheça livre, eis o que constitui o seu ser, o princípio de toda a sua vida moral e civil. Temos a noção do nosso ser essencial no sentido de que a liberdade pessoal é a sua condição fundamental, e de que nós, por conseguinte, não podemos ser escravos. O estar às ordens de outro não constitui o nosso ser essencial, mas sim o não ser escravo. Assim, no Ocidente, estamos no terreno da verdadeira e própria filosofia.

(Hegel. *Estética*, 2000. Adaptado.)

De acordo com o texto de Hegel, a filosofia

- a) visa ao estabelecimento de consciências servis e representações homogêneas.
 - b) é compatível com regimes políticos baseados na censura e na opressão.
 - c) valoriza as paixões e os sentimentos em detrimento da racionalidade.
 - d) é inseparável da realização e expansão de potenciais de razão e de liberdade.
 - e) fundamenta-se na inexistência de padrões universais de julgamento.
2. O botão desaparece no desabrochar da flor, e poderia dizer-se que a flor o refuta; do mesmo modo que o fruto faz a flor parecer um falso ser-aí da planta, pondo-se como sua verdade em lugar da flor: essas formas não só se distinguem, mas também se repelem como incompatíveis entre si [...].

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes, 1988.

Com base em seus conhecimentos e na leitura do texto acima, assinale a alternativa correta segundo a filosofia de Hegel.

- a) A essência do real é a contradição sem interrupção ou o choque permanente dos contrários.
- b) As contradições são momentos da unidade orgânica, na qual, longe de se contradizerem, todos são igualmente necessários.
- c) O universo social é o dos conflitos e das guerras sem fim, não havendo, por isso, a possibilidade de uma vida ética.
- d) Hegel combateu a concepção cristã da história ao destituí-la de qualquer finalidade benevolente.

3. Para Hegel, a razão é a relação interna e necessária entre as leis do pensamento e as leis do real. Assim, ela é a unidade entre a razão subjetiva e a razão objetiva. Hegel denominou essa unidade de espírito absoluto.

Dessa forma, um evento real pode expressar e ser resultado das ideias que o precedem. Um exemplo da objetivação dessas ideias é o seguinte evento:

- a) a subida de Adolf Hitler ao poder na Alemanha, representando os ideais sionistas germânicos.
- b) a Queda de Dom Pedro I do trono brasileiro, representando a crise do sistema colonial português.
- c) a ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder, representando o ideal iluminista de igualdade social.
- d) a coroação de Dom Pedro II no trono brasileiro, representando a vitória dos ideais puritanos de moral.

4. Hegel, prosseguindo na árdua tarefa de unificar o dualismo de Kant, substituiu o *eu* de Fichte e o *absoluto* de Schelling por outra entidade: a *ideia*. A ideia, para Hegel, deve ser submetida necessariamente a um processo de evolução dialética, regido pela marcha triádica da

- a) experiência, juízo e raciocínio.
- b) realidade, crítica e conclusão.
- c) matéria, forma e reflexão.
- d) tese, antítese e síntese.

5. No início do século dezenove, mais precisamente com Hegel, a arte é concebida no interior do domínio do absoluto, isto é, da verdade enquanto tal e dos elementos que a expõem. Tendo em vista essa concepção, é correto afirmar:

- a) O absoluto não se expressa, de uma vez por todas, no domínio artístico.
- b) Ao apresentar o absoluto sob forma sensível, isto é, concreta e singular, a obra de arte não efetiva a transfiguração da realidade.
- c) Na atividade artística, apenas alguns de seus traços essenciais estão ligados ao ser verdadeiro.
- d) A beleza é, enquanto produto da arte, manifestação sensível do absoluto.
- e) Na arte, a totalidade que se torna aparição cumpre suficientemente suas determinações.

6. Heráclito de Éfeso viveu entre os séculos VI e V a. C. e sua doutrina, apesar de criticada pela filosofia clássica, foi resgatada por Hegel, que recuperou sua importante contribuição para a Dialética. Os dois fragmentos a seguir nos apresentam este pensamento.

- "Este mundo, igual para todos, nenhum dos deuses e nenhum dos homens o fez; sempre foi, é e será um fogo eternamente vivo, acendendo-se e apagando-se conforme a medida." (fragmento 30).

- "Para as almas, morrer é transformar-se em água; para a água, morrer é transformar-se em terra. Da terra, contudo, forma-se a água, e da água a alma." (fragmento 36).

De acordo com o pensamento de Heráclito, marque a alternativa incorreta.

- a) As doutrinas de Heráclito e de Parmênides estão em perfeito acordo sobre a imutabilidade do ser.
 - b) Para Heráclito, a ideia de que "tudo flui" significa que nada permanece fixo e imóvel.
 - c) Heráclito desenvolve a ideia da harmonia dos contrários, isto é, a permanente conciliação dos opostos.
 - d) A expressão "devir" é adequada para compreendermos a doutrina de Heráclito.
7. Qual é a diferença entre o conceito de movimento histórico, em Hegel, e o de processo histórico, em Marx?
- a) Para Hegel, através do trabalho, os homens vão construindo o movimento da produção da vida material e, assim, o movimento histórico. Para Marx, a consciência determina cada época histórica, desenvolvendo o processo histórico.
 - b) Para Hegel, a História pode sofrer rupturas e ter retrocessos, por isso utiliza-se do conceito de movimento da base econômica da sociedade. Marx acredita que o modo de produção encaminhe para um objetivo final, que é a concretização da Razão.
 - c) Para Hegel, a História tem uma circularidade que não permite a continuidade. Para Marx, a História é construída pelo progresso da consciência dos homens que formam o processo histórico.
 - d) Para Hegel, a História é teleológica, a Razão caminha para o conceito de si mesma, em si mesma. Marx não tem uma visão linear e progressiva da História, sendo que, para ele, ela é processo, depende da organização dos homens para a superação das contradições geradas na produção da vida material, para transformar ou retroceder historicamente.
8. Para Caio Prado Jr., a observação de Engels: "O núcleo que encerra as verdadeiras descobertas de Hegel... o método dialético na sua forma simples em que é a única forma justa do desenvolvimento do pensamento", revela
- a) a herança da dialética hegeliana assumida por Karl Marx.
 - b) a filosofia de Marx com sua herança escolástica partilhada por Hegel.
 - c) a perspectiva dialética do Homem, que permite considerá-lo capaz de conceituar termos científicos no aspecto ou feição do Universo.
 - d) o tema central da filosofia, a saber, o desenvolvimento da dialética do ser humano, fator determinante do existencialismo contemporâneo.

9. Conforme Arruda e Aranha, o materialismo de Karl Marx diferencia-se do materialismo mecanicista. Analisando estas diferenças as autoras concluem:

[...] segundo o materialismo dialético, o espírito não é consequência passiva da ação da matéria, podendo reagir sobre aquilo que determina. Ou seja, o conhecimento do determinismo liberta o homem por meio da ação deste sobre o mundo, possibilitando inclusive a ação revolucionária.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando*. São Paulo, Ed. Moderna, 2000, p. 241.

Com base em seus conhecimentos e nas informações acima, assinale a alternativa correta.

- a) Diferentemente dos idealistas, Marx considera que as manifestações espirituais humanas derivam da estrutura material ou econômica da sociedade, mas não de modo absoluto, pois o espírito pode se libertar.
 - b) Como em Marx, a estrutura material ou econômica determina as manifestações do espírito, que será, em consequência, sempre passivo diante desta estrutura.
 - c) Marx entende que o espírito é resultado da estrutura material ou econômica da sociedade, por isso jamais pode modificá-la.
 - d) A dialética materialista de Marx sintetiza os momentos da realização da razão na história e não o agir histórico que realiza os conteúdos da razão.
10. Hegel, em seus cursos universitários de Filosofia da História, fez a seguinte afirmação sobre a relação entre a filosofia e a história: “O único pensamento que a filosofia aporta é a contemplação da história”.

HEGEL, G. W. F. *Filosofia da História*. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 1998, p. 17.

De acordo com a reflexão de Hegel, é correto afirmar que:

- I. a razão governa o mundo e, portanto, a história universal é um processo racional.
- II. a ação dos homens obedece a vontade divina que pré estabelece o curso da história.
- III. no processo histórico, o pensar está subordinado ao real existente.
- IV. a ideia ou a razão se originam da força material de produção e reprodução da história.

Assinale a alternativa que contém somente assertivas corretas.

- a) III e IV.
- b) I e II.
- c) II e III.
- d) I e III.

Gabarito

1. **D**

No texto, o autor relaciona o surgimento do conhecimento filosófico ao desenvolvimento, historicamente determinado e localizado, da consciência individual vinculada à razão e à essência humana de liberdade, que permite aos indivíduos exercer seus potenciais.

2. **B**

A estrutura da lógica hegeliana é triádica, que reflete a organização de um sistema filosófico mais amplo e da lógica sobre sua variedade de motivos internos e externos. A divisão da lógica é esta: 1) a doutrina do ser, 2) a doutrina da essência e 3) a doutrina da noção (ou do conceito). Na doutrina do ser, por exemplo, Hegel explica o conceito de "ser-por-si" como uma autorrelação que resolve a oposição entre o próprio e o outro na "idealidade do finito". Na doutrina da essência, Hegel explica as categorias de ato e liberdade. Ele diz que ato é a unidade de "essência e existência" e argumenta que isso não descarta a atualidade de ideias que se tornam atualizadas, realizando-se na existência externa. Também define a liberdade como a "verdade da necessidade", ou seja, a liberdade pressupõe a necessidade no sentido de que a própria ação e a reação providenciam uma estrutura da ação livre. Na doutrina do conceito trabalha-se o conceito em função da subjetividade, da objetividade e da articulação entre subjetividade e objetividade. O conceito subjetivo contém três funcionalidades: universalidade, particularidade e individualidade. Essas três funções operam de acordo com um movimento "dialético" progressivo do primeiro para o terceiro e na totalidade expressam o conceito de individualidade. As funções relacionam logicamente os juízos, porém não dizem respeito apenas às operações mentais, mas também explicam as próprias relações reais.

3. **C**

O historicismo hegeliano se baseia em uma relação dialética. Sendo a razão uma unidade histórica, em cada momento a razão produz uma tese, uma antítese e por último uma síntese. No caso das alternativas, a ascensão de Napoleão Bonaparte ao poder corresponderia à síntese das ideias anteriores e representaria justamente a vitória do ideal iluminista de igualdade social.

4. **D**

Somente a alternativa D é correta. A dialética de Hegel é representada no processo dialético que se dá a partir do conflito entre tese e antítese, que gera um novo estágio chamado de síntese. É ao interno deste processo que a ideia se desenvolve.

5. **D**

Somente a alternativa D é correta. O idealismo hegeliano enxerga no absoluto a totalidade da realidade. Já a concepção estética do filósofo relaciona a beleza como sendo a máxima expressão sensível dessa totalidade.

6. **A**

Somente a alternativa [A] está incorreta. A filosofia de Heráclito se opunha à de Parmênides. Enquanto Heráclito pensava a vida como um devir, em constante transformação, Parmênides defendia a imutabilidade do ser.

7. **D**

Em linhas gerais, pode-se dizer que o materialismo marxista opõe-se ao idealismo hegeliano. Isso se percebe na forma como cada um concebe o processo histórico. Na dialética hegeliana, a ideia caminha

para sua síntese, em um processo que, em certa medida, pode ser chamado de teleológico. Para Marx, a História é determinada pela produção da vida material dos homens, em um processo de luta de classes. A única alternativa que contempla de forma correta essas duas perspectivas é a [D].

8. A

O enunciado da questão pressupõe que o aluno perceba que a citação faz referência a Karl Marx. Tendo isso em conta, a citação leva a crer que Engels enfatiza a herança hegeliana assumida por Marx. Sendo assim, somente a alternativa [A] está correta.

9. A

Materialismo, porque somos o que as condições **materiais** (as relações sociais de produção) nos determinam a ser e pensar. *Histórico*, porque a sociedade e a política não surgem de decretos divinos, nem nascem da ordem natural cujos interesses antagônicos serão conciliados pelo contrato social, mas dependem da **ação concreta dos seres humanos no tempo**, garantindo assim, a legitimidade da ação revolucionária.

A história não é um progresso linear e contínuo, uma sequência de causas e efeitos, mas um processo de transformações sociais determinadas pelas contradições entre os meios de produção (a forma da propriedade) e as forças produtivas (o trabalho, seus instrumentos, sua técnica). A luta de classes exprime tais contradições e é o motor da história. Por afirmar que o materialismo histórico é movido por contradições sociais, o materialismo histórico é **dialético**. O Estado não é uma imposição divina aos homens nem é o resultado de um pacto ou contrato social, mas é a maneira pela qual a classe dominante de uma época e de uma sociedade determinadas garante seus interesses e sua dominação sobre o todo social.

10. D

Nas alternativas I e III, Hegel mostra a importância da racionalidade clássica grega como maneira de entender e relacionar filosofia e história.